Ninguém

Melancólica manhã perdida,
com a pobreza estampada
em um quadro anônimo
de uma parede abstrata;
com um referencial perdido
em uma duna esquecida.

Sento na areia molhada
e não consigo te ver,
na imensidão cinza do ar,
nas gotas da chuva fria;
no vazio perene e constante
de mim mesmo.

Preciso gritar bem alto
sair voando para longe,
longe do tudo encardido,
da gaiola imaginária;
desta aura enfumaçada
que sempre me sufoca.

Por que você não veio?
Eu estava sentado, esperando,
tentando te achar na noite,
no silêncio do meu quarto;
nas proximidades do meu ser,
nos asilos da minha loucura...